

Editorial

O “objeto” livro não se desintegrou – ao menos completamente – nas nuvens da informação. Coabitando com diferentes tecnologias, mas sobretudo com temporalidades e usos distintos, as páginas impressas seguem seu rumo, por vezes em formato digital, no intuito de tentar dizer o seu próprio tempo. Aproveitamos a metáfora religiosa do professor Miguel Pereira: nesse contexto de mudanças de suporte, segundo ele, o decisivo é atentar para a construção de sentidos, já que, em última instância, “a palavra é santa”. De maneira análoga, Jacques Rancière costuma afirmar, em postura filosófica, que não analisa senão imagens em suas conjugações entre regimes de aparecer e obras particulares.

Isso posto, o número 37 de Alceu, se não tem um eixo temático prévio ou uma linha unívoca, reúne investigações que passam tanto pela releitura de hábitos formadores de um *etos* brasileiro quanto pela problematização das formas tecnológicas na recepção e portanto na formação dos sujeitos. Coincidentemente a presente edição será a primeira exclusivamente *on-line* desta publicação.

Os dois textos que abrem o número tecem relações justamente acerca do imaginário social e sua inscrição na linguagem. José Carlos Rodrigues nos brinda com a abertura da edição, em “Revisitando a malandragem”, uma referência sobretudo ao livro de Roberto Da Matta *Carnavais, malandros e heróis* (1979). Nele, discutem-se alguns personagens por ele analisados, elencando novo elemento, o “bandido”. Atento a processos de formação e ao que Bourdieu nomeou como a “ilusão da constância nominal”, Rodrigues propõe um “pequeno sistema de quatro categorias que se opõem, se complementam e em muitas ocasiões podem até mesmo se combinar e interpenetrar”.

Por seu turno, o trabalho de Ronaldo Helal e Filipe Mostaro retoma o diálogo entre o jornalismo e o esporte. Ou, mais especificamente, entre a crônica, mormente com lugar na imprensa, e a paulatina construção de uma grade valores por meio do futebol. Tal empreendimento remonta à Copa do mundo de 1938, cujos “lances”, ou suas narrativas, são retomados no “*Foot-ball* mulato”, artigo de Gilberto Freyre no Diário de Pernambuco de 17 de junho de 1938. O sucesso do escrete nacional representaria a positividade da miscigenação, argumenta-se.

Se toda obra é subjetiva, nem sempre é confessional. A distância entre o vivido e o criado reafirma a autonomia da arte, cujo referente é da ordem da imaginação. Isabel Tranvancas e Bruno dos Santos analisam “A autoficção na literatura brasileira contemporânea: o caso de Divórcio, de Ricardo Lísias”. Os autores enxergam na produção literária brasileira de hoje uma tendência comum de uma “estética de si”; todavia, no caso de Lísias, é questão de uma simulação, já que o romancista critica a inflação da primeira pessoa no mundo estético e seu uso pela Indústria Cultural, desembocando assim em uma escrita que é em todo momento uma suspeição da origem.

Carne e verbo caminham juntos. Dito isso, os sapatos vermelhos de Dorothy, a pequena heroína do filme “O mágico de Oz”, erigem-se enquanto metonímia de nacionalismo – e consumismo – norte-americano. Alberto Cipiniuk e Maria Luiza Villar partem do dado de que todo o merchandising decorrente do filme se encontra nas lojas do National Museum of American History, direcionando assim a recepção da obra. Para tanto, recorrem à ideia de *habitus*, desenvolvida por Bourdieu, e sua aplicação em um campo específico; a saber, o do design. A reiteração de práticas gera uma disposição que reproduz, não só materialmente, mas simbolicamente as estruturas sociais de um grupo.

Os dois textos que se seguem comunicam-se por investigar a escala impessoal de circulação de informação e conceitos que permitem a inteligibilidade de processos de escolha. Sandra Rech e Nelson Gomes debruçam-se sobre um ramo da comunicação bastante em voga em Portugal: os “Estudos de Tendências”, em “Sistema, Princípios e Práticas: considerações sobre os Estudos de Tendências”. Calcada na transdisciplinaridade, essa seara de estudos dedica-se à compreensão de comportamentos em sua gênese, ensejando portanto iniciativas inovadoras no domínio corporativo e no consumo cultural. Percebe-se que a transdisciplinaridade é a base dos Estudos de Tendências e eixo condutor de disciplinas que orientam a observação, análise e o monitoramento dos padrões de comportamento sociocultural. Pensam-se as relações entre natureza e sociedade por meio de conceitos pilares dos *trend studies*: impermanência, imutabilidade, observação e imposição.

Como colocávamos anteriormente, a questão corporativa demanda elucidações em face de impasses e dinâmicas postas pelo tempo presente. Eis o tema de Caroline Colpo em “Planejamento Estratégico na Comunicação Organizacional (re)significado pelo olhar do Paradigma da Complexidade”. O planejamento estratégico em comunicação lança mão de paradigmas característicos da teoria da complexidade, uma vez que critica as relações de trabalho que operam segundo a instrumentalização de seus atores e propõe, em contrapartida, o encontro entre sujeitos. Sob uma ótica da autogestão se indaga sobre a aplicação ou não desse referencial teórico transdisciplinar no universo da comunicação organizacional.

Rafael de Almeida e Renata Rosa Franco contribuem à seminal discussão que permeia o cinema contemporâneo sobre o filme de arquivo e a historicidade das imagens, com “Achados e perdidos: do found footage ao filme-ensaio em Drežnica”.

Não há texto sem contexto; ou, ainda, cabe à repetição a produção de diferenças. Com o auxílio da teoria de Bakhtin sobre a sociabilidade da linguagem, os autores investigam a reapropriação de filmes domésticos na película “Achados e perdidos” e a montagem com vozes de deficientes visuais. Tal choque impõe uma resignificação. Ao tentar responder à questão de “como são as imagens na memória e nos sonhos de quem não enxerga”, o registro particular alça voos mais altos e se ergue enquanto ensaio audiovisual, apoiado nas considerações do filósofo frankfurtiano Theodor Adorno em “O ensaio como forma”.

A cooperação entre Maria Cristina Gobbi, Jéssica Monteiro de Godoy, Thiago de Souza Navarro teve como fruto “Para além das tentativas de desmonte da EBC: reflexões propositivas sobre a comunicação pública brasileira”, um debate a respeito do papel de veículos públicos de comunicação, mais precisamente sobre a situação da EBC. Foi traçada uma linha da legislação em vigor, apta a indicar as intenções administrativas em jogo. A função de formação de público, independente de medições de audiência, bem como a regulação do Estado graças a concessões, são os eixos orientadores da discussão.

A articulação entre notícia e tecnologia, encarnada na forma da *newsletter*, não atribui poderes mágicos à técnica, como o próprio título do trabalho explicita: “A newsletter como ferramenta de curadoria jornalística: um estudo de caso do boletim eletrônico do Nexo Jornal”. O termo “curadoria” ultrapassa limites museológicos e adentra os meandros editoriais da escolha do que é – e forçosamente do que não é – notícia, apontando para o corte político da produção jornalística. José Ferreira Júnior e Poliana Marta Ribeiro de Abreu estudaram, para esse efeito, tal ferramenta do Nexo Jornal, com análise de conteúdo dos boletins eletrônicos no período de 17 a 27 de julho de 2017.

Por fim, em rede de afinidades eletivas com os dois textos acima, Patricio Dugagni problematiza os efeitos de visibilidade e de disponibilidade pessoal imanentes ao simples uso de internet. A contra-partida do acúmulo de dados que deixamos disponíveis na rede a cada vez que se navega é a perda de privacidade. O que se ganha com uma pretensa segurança é um estado de constante paranoia. Todavia, na esteira não só da descrição foucaultiana do panóptico, mas de sua teoria da resistência, há que se postular que tais condições impuseram uma nova reivindicação: a do esquecimento. Se lá onde há poder há resistência, buscaram-se lugares de esquecimento na sociedade digital; tal experiência poderá melhor distinguir “dados” embotados por seu excesso e portanto exercer julgamentos críticos.

Boa leitura e até o próximo número! Ou aos anteriores – disponíveis on-line.

Os editores
Gustavo Chataignier e Felipe Gomberg